barreira desnecessária entre a antropologia e as outras ciências. Em segundo lugar, se usado de maneira consistente força-nos a empregar expressões estranhas, tais como "a cultura de uma cultura", quando se dispõe de frases mais claras, como "a cultura de uma sociedade" Em terceiro lugar, impede-nos de empregar expressões úteis como "a economia de uma cultura" (ou seja, a componente econômica da produção cultural) e "a cultura de uma economia" (ou seja, a componente cultural das atividades econômicas). Em quarto lugar, a substituição de "sociedade" por "cultura" sugere que a cultura, em sentido estrito, sobrepuja tudo o mais, isto é, a economia e a política. Em quinto e último lugar, o referido equívoco é um obstáculo para a própria formulação da questão da presença de uma cultura em certas sociedades não humanas — por exemplo nas sociedades de babuínos e chimpanzés —, ou seja, o problema de saber se elas possuem uma linguagem, uma tradição, e capacidades de descoberta e invenção.

Qualquer uma destas cinco razões deveria ser suficiente para abandonar a identificação entre cultura e sociedade, adotando em vez disso o sentido restrito de "cultura", isto é, como um aspecto da sociedade. Assim, a frase "a cultura maia" será uma forma resumida de "a cultura da sociedade maia" — ao lado de "a economia da sociedade maia" e de "a política da sociedade maia" E entender-se-á que a cultura maia abrange a arte e a arquitetura, a poesia e o teatro, a astronomia e a medição do tempo, a aritmética e a botânica maia, e assim por diante — mas não a agricultura e o comércio maia, ou a organização política e as relações internacionais dos maias. A cultura faz portanto parte da sociedade maia, em vez de constituir seu todo. Mas que parte de uma sociedade é sua cultura? Isto é, como pode esta última ser caracterizada? Examinemos agora esta questão.

2. *As Atividades Culturais como Atividades Sociais*

Visto que uma cultura se caracteriza por certas atividades, podemos elaborar uma curta lista, feita ao acaso, de atividades culturais típicas das sociedades humanas:

comunicação pela palavra oral ou escrita
educação das crianças
jogos, dança e canto
desenho, pintura e escultura
composição e interpretação musical
histórias narradas ou escritas, e representações teatrais
feitiçaria, magia e religião
agrimensura
medição do tempo
folclore natural

medicina
elaboração de conjeturas, e submissão destas a testes
invenção de instrumentos e de processos de manufatura
prática da matemática e da ciência
especulação e argumentação
crônicas e relatos

Por outro lado, a coleta de frutos, raízes ou ovos, a caça, a construção, a fabricação de instrumentos, o comércio, a supervisão do trabalho e a observância dos costumes vigentes, a administração, a guerra e coisas semelhantes são atividades não culturais. Todavia, todas essas atividades são orientadas (ou desorientadas) por crenças e valores que pertencem à cultura; mesmo a simples coleta de alimentos se faz à luz tanto de conhecimentos positivos quanto de superstições a respeito das plantas e suas virtudes. Por outras palavras: embora possamos e devamos *distinguir* entre atividades culturais e não culturais, não podemos *separá-las*.

Todas as atividades culturais são, evidentemente, atividades de indivíduos, quer atuando isoladamente, quer em cooperação com outros. Daí a literatura de ficção e a investigação matemática não serem coisas que existam por si mesmas: o que existe são apenas escritores e matemáticos originais. A literatura separada dos escritores, ou a matemática separada dos matemáticos, são apenas ficções úteis — mais, são ficções indispensáveis, quando se trata de analisar os produtos dessas atividades. Mas elas não dizem respeito aos antropólogos, pois estes se preocupam com pessoas reais, e não com abstrações. Em resumo, uma cultura não é composta por campos como a literatura e a matemática, mas por pessoas que fazem literatura, matemática, e assim por diante.

A antropologia da cultura, portanto, exatamente como a da economia e a da política, trata de pessoas empenhadas em atividades culturais. Essas atividades são exercidas por indivíduos, mas não por indivíduos isolados: mesmo a contemplação solitária é feita por indivíduos que estão envolvidos numa trama social, e que foram educados, ou pelo menos influenciados por outros. Por outras palavras, *as atividades culturais são sociais, mesmo quando exercidas por pessoas individuais*. O mesmo se aplica, *a fortiori*, às atividades econômicas e políticas. Portanto o antropólogo ocupa-se de indivíduos e organizações na medida em que influenciam, ou são influenciados por outros indivíduos e organizações.

As atividades culturais não são, evidentemente, as únicas atividades sociais. As atividades e relações que mantêm unido um sistema social — ou que conduzem a sua derrocada — podem ser divididas

em três classes: econômicas, políticas e culturais. Assim, o comércio é uma relação econômica ou, o que é o mesmo, comerciar é uma atividade econômica. Por outro lado, o controle estatal do comércio é uma atividade política — no sentido amplo de "político" que aqui é adotado. E projetar uma rede de esgotos, ou um experimento biológico, são atividades culturais — que evidentemente não estão livres de determinações econômicas e políticas.

Nenhuma atividade social é puramente econômica, puramente política, ou puramente cultural, exceto no que diz respeito a sua finalidade.

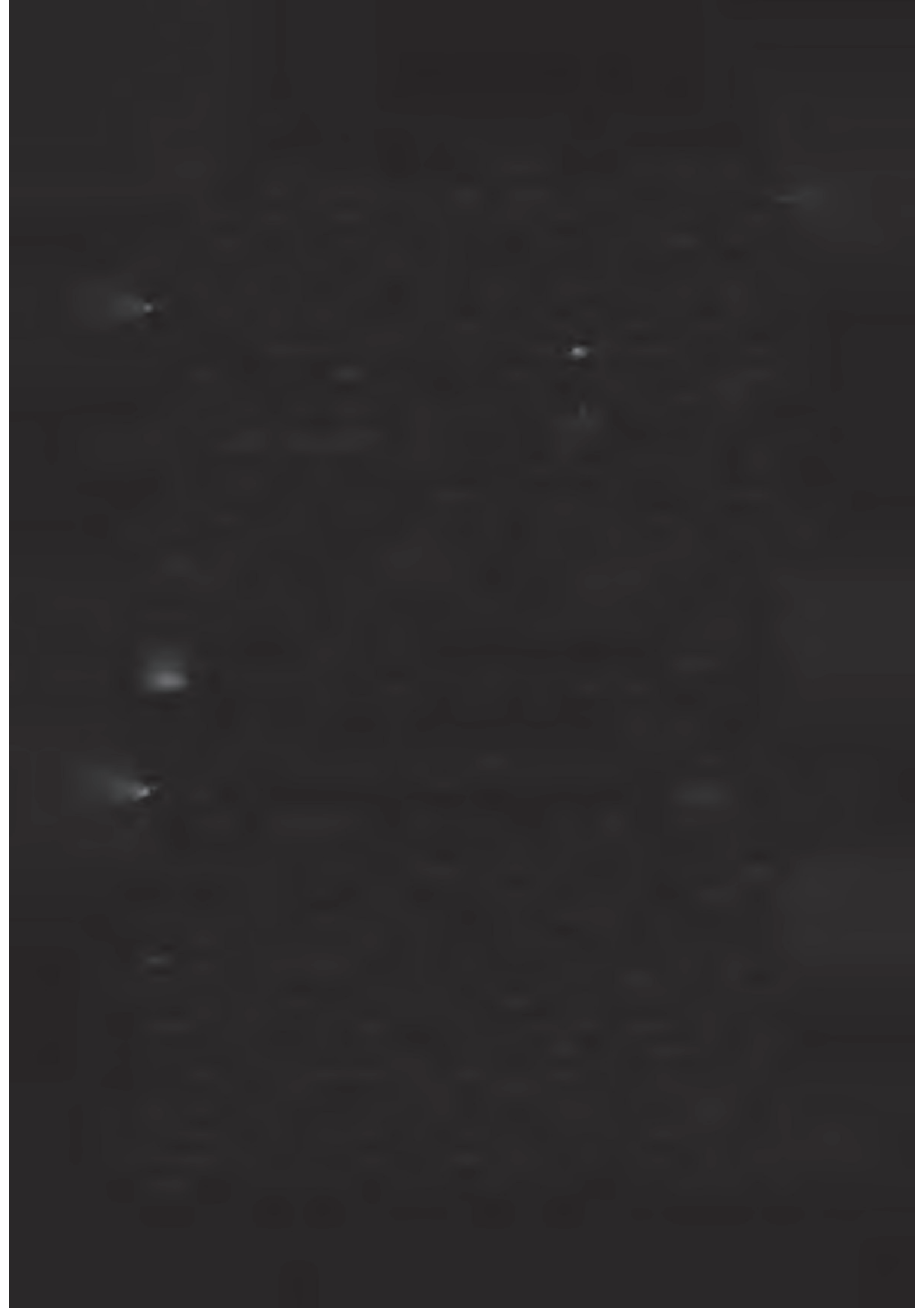
Por exemplo, o comércio implica o uso da linguagem (mesmo que seja apenas uma linguagem de sinais), o que é um elemento cultural. De maneira semelhante, a demonstração de um teorema pode implicar o uso de lápis e papel, que são produtos da atividade econômica, a qual por sua vez está submetida a controles políticos. De maneira geral, cada setor da atividade social — seja a economia, a cultura ou a política — envolve pessoas e artefactos dos outros dois setores. Em particular, as atividades culturais ou "saídas" (*outputs*) são o resultado de "entradas" (*inputs*) culturais, políticas e econômicas.

Portanto a atividade social é altamente sistêmica: o que ocorre num setor pode sempre afetar acontecimentos nos outros setores. Certamente isto é bem conhecido dos funcionalistas, dos materialistas, e dos que estudam a sociedade do ponto de vista da teoria geral dos sistemas. Todavia, a idéia de que o estudo das atividades sociais exige uma abordagem sistêmica não é suficientemente popular, e é frequentemente confundida com a aversão holística pela análise. Procuremos pois esboçar um quadro sistêmico para o estudo das atividades sociais, e das atividades culturais em particular.

3. *As Sociedades como Sistemas e as Culturas como Subsistemas*

Um sistema concreto é um agregado de componentes concretos que partilham um ambiente e estão ligados entre si. A caracterização mínima de um sistema concreto, assim, consiste na listagem de sua composição, de seu ambiente, e dos laços que mantêm unidos os componentes. Dado que cada um dos três componentes ou coordenadas desse triplo está sujeito a mudar no decorrer do tempo, a referida listagem precisa ser indexada em termos de tempo, isto é, precisamos referir-nos à composição, ao ambiente e às ligações de um sistema num momento dado.

Para que a sociedade seja concebida como sistema concreto é preciso que sejam especificadas as coordenadas do triplo. Propomos



Somos assim levados a focalizar, em vez dos grupos ocupacionais (as capacidades de trabalho P_1, P_2 e P_3), os subsistemas que por eles são compostos. Penso que esses subsistemas são três em toda sociedade, não importa quão primitiva ou desenvolvida: a economia, a cultura e a política. Veja-se a Figura 1.

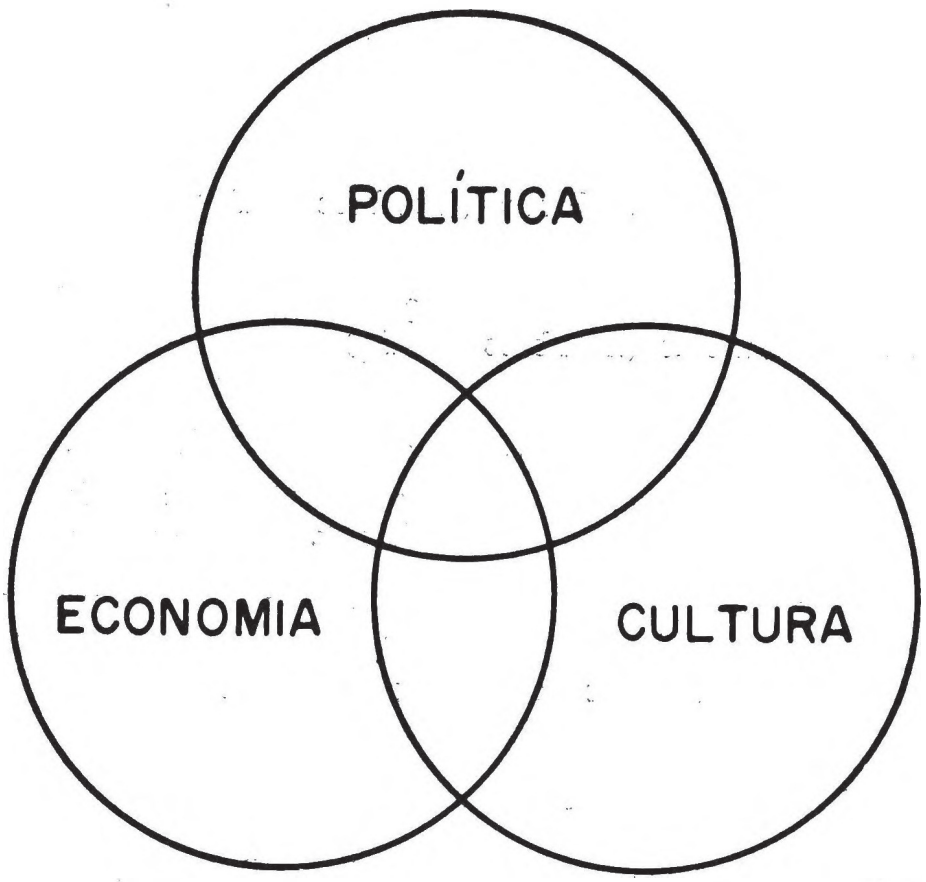


Figura 1. Os três principais subsistemas de toda sociedade.

4. *Caracterização dos Três Subsistemas Principais da Sociedade*

Sugiro assim que a capacidade de trabalho i de cada sociedade se distribui pelos três subsistemas principais, dividindo-se portanto da maneira seguinte: uma parte P_E^i empregada em alguma faceta da produção econômica, uma outra parte P_C^i empregada em alguma faceta da produção cultural, e uma terceira parte P_G^i empregada em organizações políticas (isto é, governamentais)

Em resumo,

$$P^i = P^i_E \cup P^i_C \cup P^i_G \text{ para } i = 1, 2, 3.$$

Enquanto os índices superiores designam o tipo de ocupação (por exemplo operário, intelectual, gerente), os índices inferiores denotam a finalidade primacial da atividade. Por outras palavras, os índices superiores designam as entradas, e os inferiores as saídas primaciais ou específicas do subsistema em questão. Assim, a produção de um livro pode exigir a cooperação de tipógrafos e encadernadores (membros de P^1_C), de autor e editores (membros de P^2_C), assim como de funcionários culturais governamentais tais como os encarregados de subsídios e os censores (membros de P^3_C)

De maneira correspondente, distinguimos entre certos subconjuntos da coleção S de relações sociais de qualquer sociedade dada: chamamos S_E, S_C e S_G às relações sociais de produção material, produção cultural e administração política, respectivamente. Por último, procedemos a idêntica divisão das relações ou atividades de trabalho: chamamos L_C e L_G aos tipos de trabalho executados, respectivamente, na produção econômica e no governo, por membros da força laboriosa; C_E e C_G aos tipos de trabalho cultural ligados, respectivamente, à produção econômica e à política; e G_E, G_C e G_G aos tipos de gestão ligados, respectivamente, à produção econômica, à produção cultural e à política. Podemos agora propor a

DEFINIÇÃO 1. Seja $s = \langle M, E, S \cup T \rangle$ a representação da sociedade σ com a força laboriosa P^1, a força cultural P^2 e a força gestorial P^3. Além disso, os subíndices E, C e G identificam, respectivamente, tudo o que está ligado à produção agrícola ou industrial ou aos serviços, à produção cultural e à administração política. Finalmente, Q designa o subconjunto de σ relacionado com a força laboriosa P^i — como por exemplo os consumidores, os receptores da produção cultural, ou as vítimas da opressão política. Assim,

(i) o subsistema de σ representado por

$$\varepsilon_\sigma = \langle P^1_E \cup P^2_E \cup P^3_E \cup Q_E, E, S_E \cup (L_E \cup C_E \cup G_E) \rangle$$

é chamado o *sistema econômico* (ou *economia*) de σ;

(ii) o subsistema de σ representado por

$$\gamma_\sigma = \langle P^1_C \cup P^2_C \cup P^3_C \cup Q_C, E, S_C \cup (L_C \cup C_C \cup G_C) \rangle$$

é chamado o *sistema cultural* (ou *cultura*) de σ;

(iii) o subsistema de σ representado por

$$\pi_\sigma = \langle P^1_G \cup P^2_G \cup P^3_G \cup Q_G, E, S_G \cup (L_G \cup C_G \cup G_G) \rangle$$

é chamado o *sistema político* (ou *política*) de σ.

Esta definição permite-nos formular uma tese trivial, porém necessária: (i) Toda sociedade é composta por três subsistemas principais: a economia, a cultura e a política; (ii) todo sociossistema (isto é, organização), em qualquer sociedade, faz parte de pelo menos um dos subsistemas da sociedade.

Esta concepção da sociedade suscita os seguintes comentários. Em primeiro lugar, ao conceber a sociedade como um sistema material — e unicamente desta maneira — pode-se atribuir sentido a frases como "o fluxo de energia através da sociedade" e "a interação entre a sociedade e o ambiente". Em segundo lugar, dado que a sociedade como um todo é uma coisa concreta, assim o é também cada um de seus subsistemas. Em terceiro lugar, ao conceber a economia, a cultura e a política como sistemas, evitam-se as estéreis filosofias do holismo e do individualismo. Da mesma maneira, alcança-se a possibilidade de construir o modelo de toda a economia, de toda a cultura e de toda a política de uma sociedade como sistemas com estruturas e composições definidas. Além disso, podem-se distinguir variáveis de entrada e variáveis de saída, assim como mecanismos internos (voltaremos a isto na seção 5). Em quarto lugar, todos os três subsistemas partilham o mesmo ambiente imediato (natural ou artificial); em particular, não existe sistema cultural que funcione no vazio. Daí que o internalismo extremo (o idealismo cultural, por exemplo) seja considerado exatamente tão inaceitável como o externalismo extremo (o determinismo ecológico, por exemplo) Em quinto lugar, cada capacidade de trabalho é distribuída pelos três subsistemas. Em particular, nem mesmo o sistema econômico mais primitivo deixa de empregar alguns trabalhadores e organizadores culturais — mesmo que ao mes-

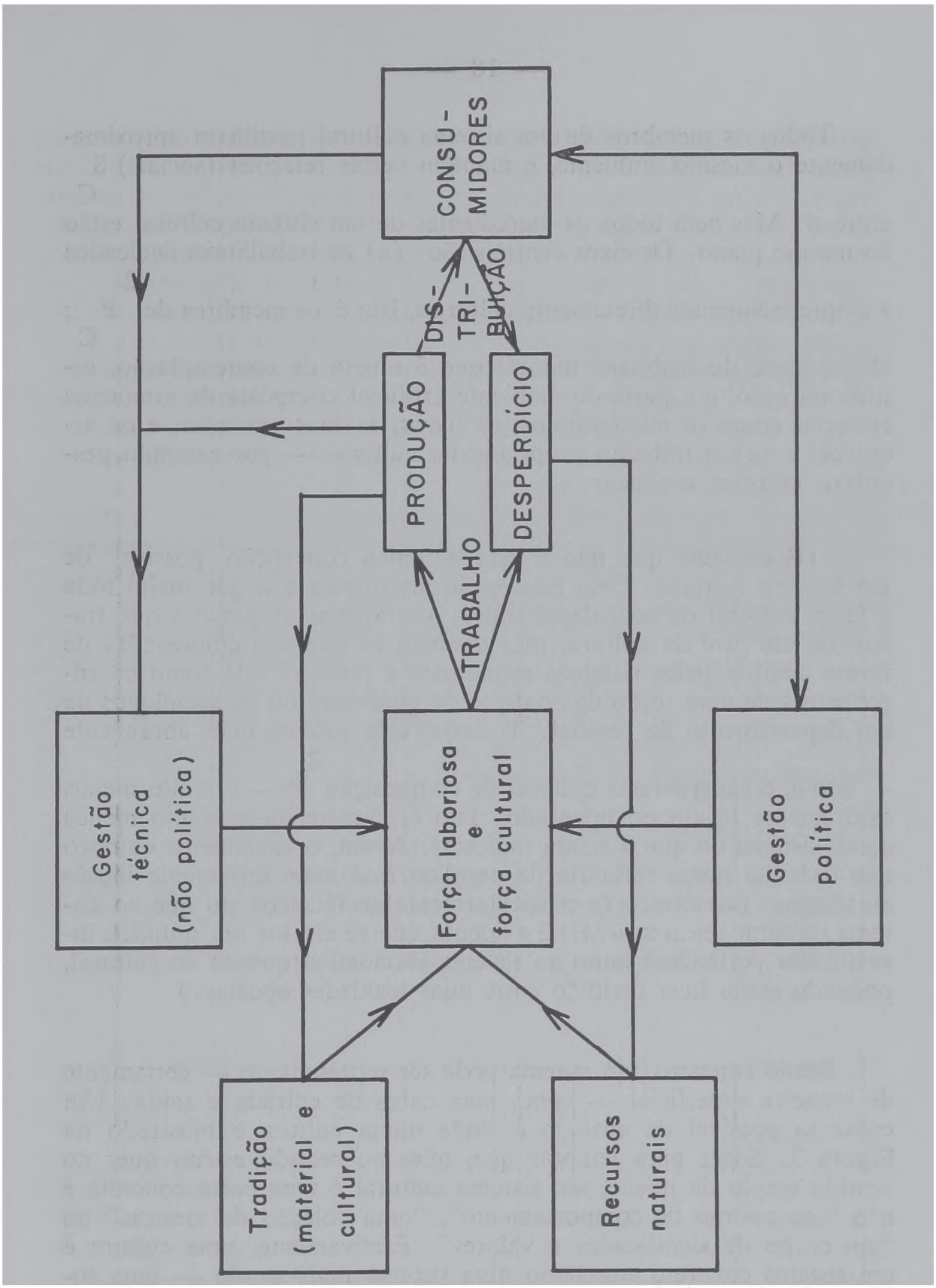


Figura 2. Fluxos principais entre os subsistemas econômico, cultural e político de uma sociedade. A caixa designada como "tradição" simboliza a reserva de artefactos, tanto culturais (tais como livros ou pinturas) quanto materiais (tais como martelos e agulhas) herdada por uma sociedade. E a caixa designada como "produção" representa tanto a produção material quanto a produção cultural. Note-se que algumas das caixas representam coisas e outras representam atividades.

escutar a mesma música
adorar as mesmas divindades
respeitar as mesmas regras morais

e

jogar os mesmos jogos.

Cada uma destas relações de equivalência divide os membros da sociedade num certo número de grupos ou células. Por exemplo, a relação de falar a mesma língua divide a sociedade canadense num certo número de grupos linguísticos, dos quais os mais populosos são os anglófonos e os francófonos. E a relação de escutar a mesma música divide os canadenses em três grupos principais — os fãs da música comercial, os da música popular e os da música erudita.

De maneira geral, a atividade cultural *i* de uma sociedade σ gera uma relação de equivalência $\sim_1$, que conduz à repartição *i* dos membros C de σ num certo número de classes homogêneas ou de equivalência, no número de m, por exemplo.
Em símbolos, a repartição *i* é

$$C/\sim_i \; = \; \{C_{1i}, C_{2i}, \ldots, C_{mi}\}$$

Cada um dos conjuntos resultantes desta repartição constitui um *grupo cultural* (não necessariamente um sistema cultural). E a totalidade dos grupos culturais de uma sociedade, resultante de todas as possíveis repartições por relações culturais de equivalência, constitui sua *estrutura cultural* (ou a estrutura de seu sistema cultural)

Uma maneira prática de apresentar os vários grupos culturais numa repartição provocada por $\sim$ i (relação cultural de equivalência *i*) consiste em formar a coluna matriz (ou, se se preferir, o vetor)

$$C_i(\sigma) = \left\| \begin{matrix} C_{1i} \\ C_{2i} \\ \\ \\ C_{mi} \end{matrix} \right\|$$

E uma maneira extremamente cômoda de apresentar a estrutura cultural inteira é reunir todas as colunas resultantes das diversas repartições, por exemplo assim:

$$C(\sigma) = \left\| \begin{matrix} C_{11} & C_{12} & & C_{1n} \\ C_{21} & C_{22} & & C_{2n} \\ C_{m1} & C_{m2} & \ldots & C_{mn} \end{matrix} \right\|$$

8. *Estado e Mudança de uma Cultura*

Tal como qualquer outro sistema concreto, a cultura de uma sociedade encontra-se num estado definido em qualquer momento dado. Uma maneira simples de descrever o estado momentâneo da cultura de uma sociedade é apresentar sua matriz de estrutura cultural — o que é apenas uma maneira de indicar quem está exercendo ou exerceu determinadas atividades culturais. Se for necessária uma descrição anônima e quantitativa, contam-se os membros C_{ij} de cada grupo cultural, e divide-se o resultado pela população total N da sociedade (no mesmo momento) Obtem-se desta maneira a *matriz de densidade cultural* da sociedade σ no momento m:

$$D^{C}(\sigma, t) = \frac{1}{N} \left\| \, | C_{ij} | \, \right\|$$

onde as populações de grupo $| C_{ij} |$, tal como a população total, são tomadas no momento m. $D^{C}(\sigma, t)$ representa o *estado da cultura* de σ em m.

(Existem, evidentemente, representações alternativas do estado momentâneo de uma cultura. Uma delas é a apresentação dos valores instantâneos das entradas e saídas do sistema cultural, conforme é sugerido pela Figura 3 na seção 5.)

Com o passar do tempo, a população de cada célula cultural pode variar Todavia, as mudanças da população absoluta de cada célula podem ser compensadas pelas mudanças da população total da sociedade; isto é, a população relativa (ou densidade populacional) de uma célula pode permanecer aproximadamente constante no tempo. Caso isso ocorra, trata-se de uma *cultura estagnada* — e no caso contrário de uma *cultura dinâmica*. Numa cultura dinâmica algumas células crescem à custa de outras, sujeitas à limitação que a soma das populações dos registros de qualquer das colunas da matriz de estrutura cultural é igual à população total:

$$\sum_{i} | C_{ij} | = N.$$

Que uma cultura dinâmica possa avançar ou recuar é outra questão. Os juízos acerca de tendências culturais progressivas ou regressivas dependem de valores. Não que não possam ser feitos, ou que sejam subjetivos: são apenas relativos a um ou outro sistema de valores.

A *mudança cultural líquida* da sociedade σ entre os momentos m_1 e m_2 é igual à diferença entre as matrizes de densidade correspondentes:

$$\Delta^{C}(\sigma; m_1, m_2) = D^{C}(\sigma, m_2) - D^{C}(\sigma, m_1).$$

Obviamente que se uma dada célula da matriz de mudança for positiva, ela terá crescido; se for igual a zero, terá ficado estagnada; e se for negativa terá declinado. Dado que o crescimento de qualquer célula se dá à custa do declínio de algumas outras células, será preciso vigiar a mudança líquida de todos os registros.

Se quisermos seguir a história de cada célula cultural C_{ij} através de um determinado período, bastará encontrar a sequência de valores da correspondente densidade D_{ij} durante esse intervalo de tempo.

Em símbolos,

$$H^{C}_{ij}(\sigma; m_1, m_2) = \langle D^{C}_{ij}(\sigma, m) \mid m \varepsilon [m_1, m_2] \rangle.$$

A *história cultural* total da sociedade σ durante o mesmo período será então a matriz completa

$$H^{C}(\sigma; m_1, m_2) = \| H^{C}_{ij}(\sigma; m_1, m_2) \|$$

Esta representação dos estados e trajetórias culturais fornece o quadro para uma explicação fenomenológica (isto é, superficial) das mudanças culturais. Uma tal explicação deixa de lado a dinâmica interna da produção e difusão cultural, assim como as interações entre a cultura, de um lado, e do outro a economia e a política. Estas interações podem ser explicadas por uma espécie de análise de Leontieff de entradas e saídas, dos principais subsistemas da sociedade em questão. Certamente é possível, pelo menos em princípio, estabelecer a *atividade total* da sociedade num momento dado, ou para um determinado período de tempo:

$$A = A_{mn} \quad \text{com } m, n = 1, 2, 3, \ldots$$

onde

A_{11} = A parte da produção (*output*) cultural que permanece no sistema cultural (por exemplo a poesia)

A_{12} = A parte da produção cultural absorvida pela economia (p. ex. a pesquisa aplicada)

A_{13} = A parte da produção cultural absorvida pela política (p. ex. a filosofia política)

A_{21} = A parte da produção econômica gasta em empreendimentos culturais (p. ex. equipamento de laboratório)

A_{22} = A parte da produção econômica reinvestida na economia (p. ex. máquinas)

A_{23} = A parte da produção econômica absorvida pela política (p. ex. o orçamento governamental)

A_{31} = A parte das atividades políticas destinadas ao controle da cultura

A_{32} = A parte das atividades políticas que visam o controle da economia

A_{33} = A parte das atividades políticas destinadas à conservação do sistema político.

Cada um dos registros da matriz de atividade total é um conjunto extremamente heterogêneo, composto de pessoas e coisas não humanas, de atividades humanas e processos físicos. Alguns dos subconjuntos incluídos em cada registro podem ser números atribuídos, como no caso dos números de pessoas e de horas de trabalho, da energia elétrica e do preço das mercadorias. Mas quer um determinado registro seja quantificável ou não, no todo ou em parte, é em princípio possível elaborar modelos da evolução da matriz de atividade total. E efetivamente é disto que trata o planejamento cultural, econômico e político. Só que esse planejamento é geralmente parcial, e portanto assimétrico e não integral, na medida em que se refere apenas a aspectos selecionados da matriz de atividade total. Só podem funcionar os modelos e planos globais, precisamente por causa das inter-relações entre os vários subsistemas de qualquer sociedade — inter-relações estas que são mostradas, embora não explicadas, pela matriz de atividade total. Mas basta quanto a este assunto, pois nosso único objetivo ao mencionar esta matriz foi dar ênfase à tese de que a cultura, embora possa ser distinguida tanto da economia quanto da política, não pode ser delas separada.

9. *A Cultura das Sociedades Modernas*

As culturas das sociedades primitivas são bastante monolíticas, na medida em que não são compostas de subsistemas. O mesmo acontece com suas economias e políticas. O surgimento da agricultura, e mais tarde o da civilização, foram acompanhados por uma divisão do trabalho sem precedentes, especialmente do trabalho cultural. Ao *shaman* ou feiticeiro individual sucedeu-se uma coorte de padres, curandeiros, bardos, professores, pintores, e mais tarde de escribas e especialistas de vários tipos. Conformemente a isto, o sistema cultural dividiu-se num certo número de subsistemas — o sistema religioso centrado nos templos, o sistema educacional centrado nas escolas, e

assim por diante. Estes diversos subsistemas complementam-se uns aos outros sob certos aspectos, mas sob outros entram em conflito, quanto mais não seja por terem objetivos diferentes, e por competirem por recursos humanos e naturais que são finitos. Mas em qualquer caso há interação entre eles, e esta interação é uma das fontes de sua evolução. As ações mútuas entre os principais subsistemas da cultura de uma sociedade moderna são mostradas na Figura 4.

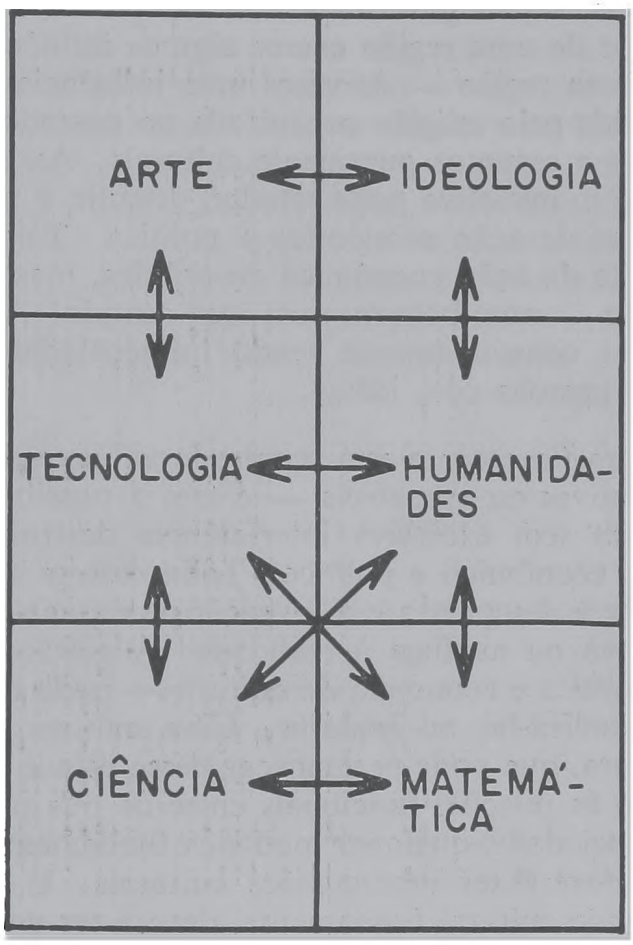


Figura 4. Os subsistemas do sistema cultural contemporâneo. Cada caixa representa a criação e a difusão num determinado campo. A ciência é dividida em natural e social. A tecnologia abrange todo o espectro, desde a engenharia à assistência social, passando pela medicina. A arte inclui as artes visuais, a música, a literatura, etc. A matemática pode ser pura ou aplicada. As humanidades incluem a filosofia e os estudos não científicos da cultura. A ideologia inclui a religião, seus diversos substitutos, e as concepções sociais e políticas que não atingem padrões científicos. As setas representam fluxos de informação. A arte e a ideologia têm os laços de informação menos numerosso e mais fracos com os outros subsistemas, embora nas sociedades tradicionais sejam as que possuem mais membros.

Dado que é um subsistema da sociedade, uma cultura tem sua dinâmica própria — e portanto uma certa medida de autonomia — e além disso interage com os restantes subsistemas principais da sociedade, sua economia e sua política. Em resumo: a cultura nem é totalmente livre e onipotente nem inteiramente submissa e impotente. Tal como alguns dos membros do sistema econômico exercem poder econômico, e alguns dos membros do sistema político possuem poder político, assim também alguns membros do sistema cultural exercem poder cultural, especialmente se estiverem instalados em certos subsistemas culturais, sejam governamentais ou privados. Por exemplo, o sistema escolar de uma região exerce alguma influência sobre todos os habitantes dessa região — às vezes uma influência tão forte como a que era exercida pela religião organizada no passado. Esta influência não se limita a assuntos puramente culturais. Assim, uma organização cultural com iniciativa pode estudar, discutir, e mesmo propor e anunciar projetos de ação econômica e política. Tais propostas não são o equivalente da ação econômica ou política, mas podem suscitar e orientar a ação — num bom ou num mau sentido. Afinal de contas, as pessoas estão constantemente sendo influenciadas por idéias — ou melhor, por pessoas com idéias.

Toda cultura florescente está sempre fervilhante de novidades — novidades instrutivas ou aprazíveis — e tem a possibilidade de escolher as melhores sem excessiva interferência destruidora por parte dos subsistemas econômico e político. Toda cultura em declínio deixou de dar valor à descoberta e à invenção, e refugia-se na rotina, na ladaínha repititiva ou na fuga à realidade. A gestão de um sistema cultural — a política e economia da cultura — pode encorajar a criatividade, ou canalizá-la, ou matá-la. Uma cultura morta continua sendo uma cultura, que pode permanecer nesse estado por muito tempo. Mas devido às relações funcionais entre os três principais subsistemas de toda sociedade, qualquer mudança fundamental da economia ou da política deverá ter repercussões culturais. E reciprocamente, qualquer realização cultural fundamental deverá ter um impacto sobre a economia ou a política, especialmente na sociedade moderna.

Assim, o sistema cultural evolui juntamente com os sistemas econômico e político. Todavia, a maneira de evoluir desses subsistemas da sociedade pode ser totalmente diferente. Com efeito, o crescimento cultural pode até certo ponto ser compatível com o crescimento econômico zero e com a estagnação política — desde que o sistema político não exerça sobre a produção cultural uma influência deformadora demasiado forte. Além disso, enquanto o desenvolvimento econômico é limitado pelos recursos naturais, não existem semelhantes limites para o crescimento cultural. Isto aplica-se pelo menos ao aspecto cognitivo da evolução cultural: quanto mais sabemos mais

problemas novos podemos formular e resolver. Isto não significa negar que existam determinações econômicas e políticas da evolução cultural. Por exemplo, qualquer sociedade pode sustentar apenas um certo número de compositores, matemáticos ou historiadores profissionais. Mas no caso da cultura, diferentemente do da economia, podemos vislumbrar uma solução: a automação combinada com a dedicação amadorística a interesses culturais.

10. *Observações Finais*

Concebemos uma cultura como um subsistema da sociedade, a qual por sua vez é um sistema concreto — tão concreto como uma pedra ou um organismo, uma floresta ou uma revoada de pássaros. Sustentamos que toda sociedade tem uma cultura, uma economia e uma política — por mais primitiva que cada uma destas possa ser — e que entre todos estes sistemas se estabelecem interações recíprocas. Além disso, concebemos a estrutura de cada subsistema de uma sociedade como incluída na estrutura social global. Além disso, concebemos a história — seja cultural, econômica ou política — como sendo a evolução da estrutura social ou, o que é equivalente, como a sequência de estados do sistema social. Assim, de nossa perspectiva a mudança cultural é um dos componentes da mudança social — sendo os outros dois componentes, evidentemente, a mudança econômica e a mudança política.

A concepção sistêmica diverge do idealismo cultural, segundo o qual "a cultura é apenas um corpo de idéias e valores" Uma idéia descarnada ou um valor separado são coisas que não existem: existem apenas pessoas concretas que pensam idéias e aplicam valores. Nosso conceito de cultura também está em conflito com a versão diluída da concepção idealista para a qual a cultura é um conjunto de padrões de comportamento (hábitos de trabalho e costumes sexuais, por exemplo), ou as normas que regulam esses padrões, etc. Consideramos impossível separar os padrões de sentimento, pensamento, valoração e ação dos sentimentos, pensamentos, valorações e ações das pessoas reais. Uma regra de comportamento separada do comportamento regulado correspondente é coisa que não existe. Existem apenas pessoas comportando-se de certas maneiras.

Nosso conceito de cultura também diverge do materialismo vulgar, quer em sua versão biologista (ou ambientalista) — "A cultura é apenas a maneira como os homens se adaptam a seu ambiente natural" — quer em sua versão economicista — "A cultura é apenas um epifenômeno da economia" Se é certo que todo sistema cultural está imerso num ambiente natural, este último não é onipotente, como se prova pelo fato de um mesmo ambiente poder sustentar uma sucessão

de sociedades, e portanto de culturas, bastante diferentes, tal como uma determinada cultura pode sobreviver, dentro de certos limites, em ambientes diferentes. Quanto à economia, embora nenhuma cultura possa sobreviver sem uma economia viável, nenhuma economia pode enfrentar desafios ambientais e sociais drásticos sem o auxílio de uma cultura criadora. Não existe um motor primeiro da sociedade: qualquer dos três principais subsistemas pode dar início a uma mudança social importante, e é provável que cada uma dessas mudanças tenha três componentes — econômico, cultural e político.

Por último, nossa concepção sistêmica da cultura é incompatível com o esquema dualista da sociedade, como formada por uma superestrutura ideal montada sobre uma infraestrutura material. Em nossa concepção a sociedade é uma coisa inteiramente concreta, e assim o é também cada um de seus subsistemas. Em particular, uma cultura é composta por pessoas vivas interagindo umas com as outras e com componentes não humanos, tanto naturais quanto artificiais; uma superestrutura, por outro lado, é concebida como um conjunto de idéias, valores e normas — exatamente como na concepção idealista da cultura.

Todavia, a concepção sistêmica da cultura delineada neste artigo concorda com as ontologias materialistas. Concorda também com a teoria geral dos sistemas, sugerindo além disso modelos dinâmicos da cultura. E é consistente com a crescente suspeita dos sociobiólogos, de que diversas sociedades animais além da nossa têm suas culturas próprias, embora primitivas. Finalmente, e não menos importante, esta concepção sistêmica da sociedade está de acordo com a perspectiva global de que os antropólogos tão justamente se orgulham: pois de fato eles, mesmo quando falam como se uma sociedade fosse uma cultura, tratam efetivamente a cultura, a política e a economia como outros tantos subsistemas interdependentes da sociedade.

Foundations and Philosophy of Science Unit, McGill University, Montreal
Instituto de Investigaciones Filosóficas, U.N.A.M., México, D.F.

Tradução de João Paulo Monteiro